

ENTREVISTA* COM JOAN SCOTT**

Fernanda Lemos***

Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer a Scott a presteza e a generosidade ao dialogar com a *Revista Mandrágora*. Reconhecidamente, uma pesquisadora fundamental para os estudos de gênero, não hesitou aceitar nosso convite. Acredito que esta entrevista é mais que um jogo de perguntas e respostas. Em vez de nos fornecer elementos prontos e acabados para a compreensão da relação entre gênero e religião, bem como suas perspectivas históricas, a autora lança problemáticas que nos conduzem à inquietação de rever conceitos e reformular novas perguntas.

Mandrágora: Entre seus trabalhos, um tornou-se pioneiro para as pesquisas de gênero no Brasil, *Gender: a useful category of historical analyses*¹. Não há quem pesquise tal categoria analítica, que não cite essa obra como precursora de estudos de gênero. Mais ainda, sua análise nesse artigo desmistificou a ideia de que gênero era sinônimo de mulher, o que incluiu na pauta de discussão o aspecto relacional entre homens e mulheres, há muito dicotomizado. Desde a primeira tradução de sua obra no Brasil (1989), 20 anos passaram-se, e gostaria de saber se “Gênero [ainda pode ser considerada] uma categoria útil para a análise histórica”?

* Entrevista traduzida por Emmanuel Ramalho de Sá Rocha, Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bacharel em Relações Internacionais (Universidade de Vila Velha [UVV]) e membro do Núcleo de Pesquisas Socioantropológicas da Religião e de Gênero do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB.

** Joan Wallach Scott é professora na School of Social Science, Institute for Advanced Study Princeton, New Jersey. Para maiores informações a respeito de sua trajetória acadêmica, consultar: <http://www.sss.ias.edu/faculty/scott>.

*** Fernanda Lemos é Mestre e Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB.

¹ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995.

Scott: Eu penso que gênero ainda é uma categoria útil, apesar de sua cooptação por muitas agências internacionais, ONGs, governos e afins. Para mim, gênero representa uma pergunta a ser feita por qualquer sociedade, em qualquer momento: como mulheres e homens estão sendo definidos, um em relação ao outro? Dito de outra forma, dada a impossibilidade de realmente dizer o que as diferenças físicas entre os sexos significam, como as sociedades têm tentado impor significados e mantê-los no lugar? Como os indivíduos têm se imaginado, não se encaixando nessas categorias? Gênero é, em outras palavras, uma norma regulamentadora que nunca funciona plenamente. Assim, as perguntas interessantes são: quem estabelece as definições? Para que fins? Como elas são aplicadas? Como indivíduos e grupos resistem às definições? Se usada dessa maneira, como um conjunto de perguntas cujas respostas não sabemos de antemão, o gênero ainda é uma categoria útil de análise.

Mandrágora: Você considera que, nestes últimos 20 anos, a categoria gênero tem se consolidado no campo da história? Como um recurso historiográfico de inclusão das mulheres como sujeito? Ou gênero ainda está reservado ao campo exclusivo dos estudos feministas?

Scott: Eu considero que alguns historiadores – mais que no passado (pelo menos nos EUA e nos países europeus que conheço) – começaram a incluir questões sobre gênero em suas pesquisas. As perguntas e respostas que eles oferecem não são sempre aquelas com as quais as feministas concordariam. Mas, provavelmente, é um avanço existir uma maior consciência sobre gênero entre os historiadores do que existia há 20 ou 30 anos.

Mandrágora: Em seu livro *La Citoyenne Paradoxale* (1998)², você reconhece as tensões internas do movimento feminista na França. No Brasil, alguns setores do movimento feminista consideram que a categoria gênero não é capaz de desconstruir as desiguais relações sociais de sexo,

² Traduzido, em 2002, pela Editora Mulheres, como *A cidadã paradoxal*. Para maiores informações, consultar: SCOTT, Joan W.. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Trad. Élvio A. Funck. Apres. Miriam P. Grossi.

e que, muitas vezes somente compreender e analisar tais relações, não combate o androcentrismo e o patriarcalismo. Como uma historiadora feminista, como você reage e dialoga com esses setores do movimento que rejeitam a categoria gênero como possibilidade de resgate e inclusão de mulheres como sujeitos históricos?

Scott: Creio que eles estão errados. Como eu disse, se você tratar gênero como uma pergunta – o que está acontecendo com a forma como os papéis e as características de mulheres e homens estão sendo definidos –, então, você não poderá deixar de ver as mulheres e incluí-las como sujeitos históricos. Se você usa o gênero como uma ferramenta crítica expondo não só o fato da presença das mulheres na história, mas as razões para sua invisibilidade ou marginalização da política e da vida pública, então você está avançando na “causa” da emancipação das mulheres.

Mandrágora: É possível resgatar a história das mulheres e seu processo de ocultamento sem vitimá-las? Qual a contribuição da categoria gênero nesse resgate?

Scott: Não acho que a história das mulheres e a análise de gênero necessariamente façam das mulheres vítimas. Isso realmente depende das perguntas e do pensamento crítico que os historiadores fazem.

Mandrágora: O Brasil, apesar de anunciar-se como um Estado laico, é considerado um dos países com maior diversidade religiosa. Nesse sentido, a religião, como defende Clifford Geertz (1989), “é um sistema cultural capaz de determinar o ethos de um povo”. As mulheres, em termos quantitativos, são a maioria integrante das instituições religiosas; entretanto representam uma parcela pequena no trabalho religioso e nos cargos de poder das instituições. Na França também, um país declaradamente laico, tem-se noticiado a proibição da entrada de estudantes muçumanas, usando véu, em escolas, independentemente do direito individual de expressar sua identidade, que, no caso de sujeitos islâmicos, não é dissociado da religião. Tratando-se do campo religioso, qual a importância da categoria gênero em sua análise histórica?

Scott: Bem, se o gênero é um conjunto de perguntas sobre como a diferença sexual está sendo definida e tentando ser entendida, então a religião é, certamente, um campo que se pode estudar com a lente crítica de gênero. Esse foi o propósito de meu livro, a Política do Véu, em que eu tentei analisar as objeções francesas ao véu islâmico em termos de seu pensamento sobre mulheres, sexualidade, diferença sexual e do lugar de símbolos religiosos na vida pública.

Mandrágora: Sob o olhar de uma historiadora feminista, qual é a importância de se compreender a relação entre gênero e religião?

Scott: Se você disser que as feministas deveriam demonstrar como a religião oprime as mulheres, eu discordo. À semelhança do que a antropóloga Saba Mahmood faz em seu livro *A Política da Piedade*³, eu acho que as perguntas a serem feitas são as mesmas para a religião como quaisquer outras práticas política e social: Como as “mulheres” estão sendo definidas e entendidas em relação aos homens?, Como as mulheres entendem a si mesmas em termos religiosos?, Que significados (no plural) esses entendimentos têm para a maneira como elas conduzem suas vidas? etc. Não há nada especial sobre religião e gênero a partir dessa perspectiva, é apenas outra arena para estudar criticamente (e sem suposições prévias sobre como funciona).

3 O texto citado por Joan Scott, da antropóloga Saba Mahmood (2005 e 2012) é: **Politics of piety: the islamic revival and the feminist subject.**